

O PAPEL DA HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

Jefferson Silva do RÊGO¹ (UFG)
Sebastião Elias MILANI² (UFG)

RESUMO:

Diante da grande dificuldade encontrada para promover a formação de um cientista em sentido pleno, haja vista a especialização e a fragmentação dos saberes que tanto caracterizam as sociedades contemporâneas, Konrad Koerner (1996) aponta para a necessidade de se retornar criticamente ao passado, porque só assim torna-se possível enxergar o fluxo intenso que é o conhecimento científico, sempre em constante processo de atualização teórico-metodológica. Nesses moldes, partindo do pressuposto de que a melhoria da formação inicial de um cientista passa, necessariamente, por um esforço no sentido de compreender melhor a gênese e o desenvolvimento de sua própria ciência, a proposta do presente trabalho é apresentar os princípios básicos da Historiografia-Linguística, concebida como uma atividade metahistórica, que coloca em perspectiva as teorizações sobre os conceitos de língua e linguagem ao longo do tempo. O objetivo é mostrar que o saber historiográfico-linguístico constitui um arcabouço teórico e metodológico necessário a todo e qualquer professor de línguas, porque permite-lhe, em certa medida, romper com a fragmentação e a especialização que assolam os currículos e os discursos vigentes nos cursos de licenciatura em línguas, propiciando, conseqüentemente, uma visão mais sistêmica sobre esse campo do conhecimento humano. Espera-se que o trabalho possa contribuir para o debate acerca da formação inicial de professores de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Historiografia-Linguística. Ensino de línguas.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: entrecas@gmail.com

² Doutor em Linguística e Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: sebas@letras.ufg.br

1. Introdução

O presente trabalho consiste numa sistematização de algumas reflexões acerca da Historiografia-Linguística e sua relação com a formação inicial de professores de línguas, no contexto brasileiro. Em certa medida, boa parte dos pontos a serem apresentados e discutidos estão relacionados com a própria vivência de seus autores na área de Letras e Linguística. Assim, em vez de pretender exaurir a discussão, objetiva-se intervir de modo preliminar, enfatizando a partilha de questões que, possivelmente, irão acompanhar, ainda por algum tempo, todos aqueles que frequentam ou venham a frequentar as salas de aula que constituem as licenciaturas na área de Letras.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a discussão acerca da formação do professor de línguas envolve pelo menos três dimensões mais amplas e que se encontram irremediavelmente conectadas: uma de viés mais linguístico, em que se busca compreender e discutir especificamente aspectos relativos à natureza dos fenômenos próprios da linguagem, como a sua materialização em inúmeras e diversas línguas naturais (enfocando suas estruturas formais e o seu funcionamento em sociedade); outra de cunho mais pedagógico, em que se busca garantir uma apropriação dos avanços científicos da Pedagogia, destrinchando os limites e as possibilidades das várias e variadas metodologias aplicáveis ao ensino de línguas; e ainda outra de matiz mais histórica e política, em que se investigam os fatores sociais – e as relações de forças decorrentes – responsáveis pela configuração atual da carreira docente.

Além disso, fazer uma discussão preliminar acerca da formação de professores de línguas implica também ter que optar entre duas outras direções possíveis. Uma delas diz respeito ao professor como aluno, e a outra refere-se ao professor como docente. Em outros termos, pode-se abordar a formação docente privilegiando as questões relacionadas à educação inicial, ou pode-se abordá-la focalizando os temas ligados à educação continuada.

Assim, para os fins deste trabalho, além de focalizar o currículo do ensino formal nas licenciaturas em Letras (isto é, a educação inicial dos professores de línguas), foi preciso fazer um recorte epistemológico e, sobretudo, metodológico. , delimitou-se o debate tão somente à dimensão linguística, haja vista a evidente impossibilidade de tratar, ao menos neste breve trabalho, da formação inicial do professor de línguas em sua absurda complexidade, o que envolveria, obrigatoriamente, muitas questões espinhosas referentes a todas as três dimensões aludidas.

Em termos mais específicos, busca-se aqui, dentro do imenso universo de questões correlacionadas à dimensão linguística atinentes à formação docente, abordar alguns problemas concernentes à construção de um currículo formal que busque ofertar aos futuros professores de línguas uma aprendizagem menos desarticulada, porque preocupada em prestigiar, de um ponto de vista historiográfico, as teorias e as metodologias que constituem a ciência da linguagem.

Não se quer afirmar, com isso, que a única forma ou mesmo a forma mais eficiente de se resolver os problemas que afligem a educação, em geral, e a formação inicial dos professores de línguas, em particular, consista na inserção desta ou daquela disciplina no currículo das licenciaturas. Antes, almeja-se mostrar que a melhoria da formação inicial de um cientista passa, necessariamente, por um esforço no sentido de compreender melhor a gênese e o desenvolvimento da própria ciência que ele investiga, pratica e ensina.

Nesse sentido, busca-se demonstrar que a Historiografia-Linguística, porque constitui um arcabouço teórico e metodológico necessário a todo e qualquer professor de línguas, consiste em um saber e um fazer que viabilizam uma formação inicial mais integral e mais articulada, permitindo aos futuros professores a construção, em seus próprios percursos formativos, de uma visão mais sistêmica e orgânica sobre seu campo de atuação, seja como professor, seja como pesquisador.

2. A (de)formação do professor de línguas

Em uma breve revisão da literatura sobre a formação de professores de línguas, é possível perceber o quanto vem ganhando relevância a questão da qualidade da formação inicial dos docentes, mote que tem sido objeto de preocupação de muitos estudiosos de diversas áreas. Surge como temática recorrente a urgência de construir currículos que contemplem conteúdos, competências e habilidades necessários para promover uma formação de profissionais da educação cada vez mais reflexivos, críticos, autônomos, engajados socialmente e, sobretudo, profissionais que façam de suas salas de aula um laboratório permanente de pesquisa e de intervenção.

De forma paralela e mesmo paradoxal a esse movimento acadêmico de revisão crítica em matéria de escola e de suas práticas de ensino, o mundo acadêmico vem passando por um processo de esfacelamento, sobretudo, de caráter epistemológico. Como sintoma, vigora uma radical especialização em todas as áreas do conhecimento, *entre* elas e também *dentro* delas. Isso acaba reverberando, evidentemente, nos próprios processos de ensino e aprendizagem no interior das licenciaturas, atingindo sobremaneira os estudantes ali envolvidos. Em outras palavras, tem sido uma situação encarada como natural o fato de os estudantes adentrarem uma licenciatura em Letras, ter contato com várias e variadas teorias a respeito dos conceitos de língua e linguagem, bem como sobre fundamentos pedagógicos do ensino de línguas e de literaturas e, mesmo assim, ao saírem, não se identificarem com a linguística, demonstrando pouco ou nenhum conhecimento na área e, conseqüentemente, repetindo acriticamente a mesma prática docente de seus antigos professores.

Para agravar ainda mais esse quadro brevemente relatado, pode-se ainda observar, na academia, a hegemonia de perspectivas epistemológicas demasiadamente positivistas, que insistem em não problematizar os limites do fazer científico em busca do conhecimento objetivo acerca da realidade. Nesse contexto, o interesse dos cursos de formação de professores ainda fica muito restrito a identificar os métodos de ensino mais

eficientes, aqueles infalíveis quando se tratava de maximizar a aprendizagem dos alunos. Predomina, portanto, o treinamento dos professores mediante o repasse de técnicas específicas de ensino, num tom extremamente prescritivo e normativo.

Fechando uma espécie de círculo que se retroalimenta, a atividade dos professores de línguas, nas escolas de educação básica, continua tendo como princípios norteadores o pragmatismo e o tecnicismo, em sintonia com a grande tradição jesuíta na educação brasileira. Desse modo, como impera a mecanização dos processos de ensinar e de aprender, não sobra muito espaço para uma prática e para uma intervenção docentes que privilegiem uma postura crítica e reflexiva de todos os sujeitos envolvidos, na qual seja recorrente a investigação sobre o que se ensina e sobre como ensinar melhor o que se ensina. De acordo com Gimeno Sacristán e Pérez-Gomez (1998, p. 357), o docente enviesado por todo e qualquer princípio mecanicista de educação é concebido irremediavelmente como:

[...] um técnico que deve aprender conhecimentos e desenvolver competências e atitudes adequadas a sua intervenção prática, apoiando-se no conhecimento que os cientistas básicos e aplicados elaboraram, ou seja, não necessita chegar ao conhecimento científico, mas dominar as rotinas de intervenção técnica que se derivam daquele.

Em consequência, essa mecanização contribui para a acentuação da compartimentalização do conhecimento, reverberando, por tabela, nos currículos das licenciaturas em Letras. Tanto é assim que as teorias behavioristas de ensino e de aprendizagem, que enxergam a educação dos seres humanos como formação de hábitos, isto é, como uma consequência de estímulos e de reforços, ainda tem seu lugar ao sol garantido dentro e fora dos ambientes formais de ensino de línguas em nosso sistema educacional. Nesse contexto, formar professores ainda consiste, exclusivamente, em condicioná-los mediante treinamentos intensos e repetitivos.

Mesmo não possuindo, no momento, os elementos necessários para empreender

um balanço definitivo da contribuição do behaviorismo para os estudos sobre a aquisição e sobre o ensino de línguas, é preciso reconhecer que, além da excessiva mecanização do olhar diante dos fenômenos educativos, existiu, e ainda existe, um grave problema em toda ciência de matiz positivista-behaviorista, que é a desconsideração deliberada de que a subjetividade e a criatividade humanas consistem em elementos fundamentais em todo e qualquer processo de ensino e de aprendizagem e que, portanto, sempre devem ser levadas em conta.

3 - O que é Historiografia-Linguística?

Antes de discorrer sobre a concepção de Historiografia-Linguística aqui trabalhada, almejando delinear suas principais preocupações e tendências, é preciso ressaltar uma fundamental característica acerca da natureza do conhecimento científico, aspecto este sem o qual não se pode entender verdadeiramente as motivações da Historiografia-Linguística. A dizer, é preciso ter sempre em mente que o conhecimento científico é sempre limitado, parcial e ideologicamente marcado, de sorte que o ato de conhecer possui, por natureza e definição, uma temporalidade inerente, um horizonte de retrospectão, bem como um horizonte de projeção. Ou, nas palavras de Silvan Auroux (2009, p. 11), “o saber não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o imagina ou o idealiza”. Em razão e em consequência dessa consciência, nasce a historiografia enquanto método investigativo de apreensão sobre a construção do conhecimento ao longo da história.

Para Charles-Olivier Carbonell (2001), a atividade historiográfica consiste na melhor maneira de se conhecer uma sociedade, porque é justamente quando o ser humano representa para si e para os outros o passado que lhes diz respeito, torna-se possível flagrar a identidade que se quer forjar, seja a própria, seja a alheia:

O que é historiografia? Nada mais que a história do discurso — um discurso escrito e que se afirma verdadeiro — que os homens têm sustentado sobre o seu passado. É que a historiografia é o melhor testemunho que podemos ter sobre as culturas desaparecidas, inclusive sobre a nossa — supondo que ela ainda existe e que a semi-amnésia de que parece ferida não é reveladora da morte. Nunca uma sociedade se revela tão bem como quando projeta para trás de si a sua própria imagem (CARBONELL, 2001, p.8, tradução nossa).

Ao tratar das metodologias possíveis nos estudos linguísticos, Émile Benveniste (1995) ensina que o método de toda ciência deve estar em sintonia com a natureza do seu objeto de investigação. Assim, em relação à historiografia-Linguística, sua perspectiva diacrônica diante dos documentos estudados está conectada com a historicidade dos conhecimentos acerca da linguagem verbal humana. A dizer, a Historiografia-Linguística tem como metodologia a elaboração de uma síntese sobre as teorizações sobre língua e linguagem sistematizadas em textos, fazendo um recorte no tempo e no espaço, intentando flagrar a eventual continuidade das configurações epistemológicas e, ao mesmo tempo, as eventuais inovações de abordagens que perpassam tais estudos.

Com o intuito de definir alguns parâmetros para a Historiografia-Linguística, Konrad Koerner (1996) define historiografia, primeiramente, como uma atividade metahistórica, porque reflete sobre os fundamentos de como empreender a escrita de uma história; em seguida, afirma que a historiografia é, ao mesmo tempo, o próprio resultado dessa empreitada. Desta definição, advém a necessidade de fazer algumas distinções de ordem tanto conceitual quanto terminológica.

Em primeiro lugar, faz-se preciso distinguir Historiografia-Linguística de Historiografia da Linguística (HoL) ou da História das Ciências da Linguagem. Para Koerner, a Historiografia-Linguística é mais que um termo para se referir à atividade de “escrever a ou uma história” e tem mais a ver com o “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios”, tendo como o objeto de estudo as “ideias sobre a linguagem e proposições para sua descrição e explicação” (KOERNER, 1996, p. 49). No caso da Historiografia da Linguística (HoL) ou da História das Ciências da Linguagem,

tratam-se de meros registros da história (ou meras escritas da história), ou seja, trabalhos que visam contar o início e o desenvolvimento da pesquisa em linguística, enquanto ciência moderna.

Assim, em Historiografia-Linguística, parte-se sempre da premissa segundo a qual nenhum pensamento científico nasce no vácuo, desprovido de mentor ou mestre. Igualmente, nenhuma ciência nasce inteira da cabeça de um único indivíduo, como no mito da deusa Palas Atena, que nasceu da cabeça de Zeus já completamente preparada para a guerra. Tudo tem sua história, inclusive uma ciência ou uma área do conhecimento. E nem toda evidência participa da eternidade, porque o que se configura hoje como evidente raramente o foi no passado: “Nenhum cientista nasce sem ter sido orientado por outro cientista, ou instituição científica. Tais instituições se fundem numa rede de pensadores que organizam uma corrente lógica e estruturada da qual nenhum pensamento científico escapa” (MILANI, 2008, p.4).

Em alguma medida, sabe-se que é até um truísmo dizer que a história da linguística não pode ser estudada no vácuo, simplesmente como uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciadas do clima geral de opinião no qual foram formuladas. Seu contexto deve também incluir o conhecimento de como as outras disciplinas, tanto as vizinhas quanto as distantes, estavam naquele determinado ponto do tempo (KOERNER, 1996, p. 49).

Nessas circunstâncias, diante da grande dificuldade encontrada para promover uma formação menos esfacelada, haja vista a especialização e a fragmentação dos saberes que tanto caracterizam as sociedades contemporâneas, Koerner aponta para a necessidade de se retornar criticamente ao passado, porque só assim torna-se possível enxergar o fluxo intenso que é o conhecimento científico, sempre em constante processo de atualização teórico-metodológica.

Koerner vai dizer ainda que o trabalho do historiógrafo linguista deve seguir três princípios básicos: 1) contextualização, 2) imanência e 3) adequação teórica. O princípio da contextualização diz respeito à busca para compreender o clima intelectual presente à

época da produção dos textos estudados, visto que as teorizações linguísticas, enquanto enunciações, nunca se desenvolveram descoladas da sociedade e da cultura onde foram elaboradas. O princípio da imanência está relacionado à necessidade de se fazer uma leitura aprofundada da estrutura dos documentos abordados, tomando conhecimento do construto teórico e metodológico adotado pelo seu autor. Por fim, o princípio da adequação teórica diz respeito ao processo de comparação e interpretação dos textos abordados em relação às teorias e terminologias atuais. Neste caso, trata-se de um esforço de compreender o passado inerente ao objeto de estudo para, em seguida, poder interpretá-lo à luz das perspectivas científicas contemporâneas.

Para Cristina Altman (2009, p. 128), um estudo ancorado nos oriundos da Historiografia-Linguística deve assumir como seu desafio, necessariamente, a busca pela compreensão das relações entre o conjunto de ideias gerais que caracterizam um dado período da história e os “métodos de produção do conhecimento linguístico” empregados pelos mais diversos estudiosos. Ou seja, quando faz uso do método da Historiografia, a Historiografia-Linguística está se empenhando em compreender os fatores que exerceram alguma influência em determinado pensamento linguístico e que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dessa teoria a determinadas práticas investigativas. Assim concebida, ainda nas palavras de Altman, a Historiografia-Linguística deve ser entendida como uma disciplina que tem como principais objetivos descrever como se produziu e se desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.

Na tentativa de atualizar o debate, Milani (2011, p. 9) esclarece que, num empreendimento investigativo enviesado pela Historiografia-Linguística, deve-se tomar por objeto de estudo o conjunto das próprias reflexões teóricas produzidas ao longo da história da humanidade acerca das línguas naturais e da linguagem verbal humana, reflexões estas que sempre se encontram materializadas em alguma língua particular e sistematizadas em textos, dentro de um recorte temporal e espacial:

Na Historiografia-Linguística, propõe-se que se estude sob o prisma da individualidade metodológica estruturada em discurso a conceituação geral da Linguística, fazendo uso de sua terminologia e de seus conceitos [...] o objeto de estudo da Historiografia Linguística, portanto, é o texto, como monumento, ou seja, reconhecido por representar um pensamento dentro de uma sociedade e por ser produzido em uma língua (MILANI, 2011, p. 10)

Nesses termos, caberia ao historiógrafo linguista o trabalho de demonstrar as fontes refratadas e a idiosincrasia iniciada, distinguindo o que é social e o que é individual nos textos abordados. Então, dever-se-ia justificar a denominação dessa ciência, Historiografia-Linguística, primeiro porque ela estuda os objetos resultantes de toda e qualquer teorização sobre língua e linguagem, segundo porque, para dar cabo a essa empreitada, inspira-se em pressupostos teóricos-metodológicos da *nova história* (ou história total ou história estrutural), movimento intelectual de vanguarda dentro dos estudos históricos, surgido no início do século XX, que vai fazer profundas críticas ao modelo tradicional de se fazer história, sempre limitado aos aspectos políticos e econômicos dos Estados Nações.

Em resumo, pode-se dizer que a Nova História consistiu em um movimento historiográfico que se constitui em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929. Ambos tinham como proposta ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos. O movimento renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para o estudo de atividades humanas até então pouco investigadas, rompendo com a compartimentação da história e das ciências humanas e privilegiando os métodos pluridisciplinares.

Dessa maneira, como vem ponderando Peter Burker (1992, 2010), após a *Escola dos Annales* houve um aprofundamento e, por tabela, um importante avanço nos estudos sobre as relações entre linguagem e história, visto que a revista funcionou como um ponto aglutinador dos principais pensadores da história existentes na época. E como ponto norteador, não obstante as divergências entre seus integrantes, a revista refletia uma

concepção estruturada de mundo e de conhecimento, cujas partes se encontravam todas conectadas, de modo que a história - de tudo e de todos – passa a ser digna de plateia e público, porque toda atividade humana está inscrita no tempo. Da eclosão dessa verdadeira revolução no pensamento historiográfico ocidental, é resultado a própria Historiografia-Linguística, enquanto metodologia para se abordar diacronicamente os fenômenos linguísticos e suas teorizações.

Em suma, pelo que foi exposto nesta tentativa preliminar de caracterizar a pesquisa em Historiografia-Linguística, pode-se concluir que este tipo de investigação consiste em um trabalho de natureza essencialmente interdisciplinar, visto que há um comprometimento evidente em não isolar o documento (que são as teorias sobre línguas e sobre a linguagem) de seu contexto histórico e cultural. Portanto, nos dizeres de Jarbas Nascimento (2005, p.3), uma das vantagens da Historiografia-Linguística é justamente sua capacidade de viabilizar a sistematização em língua dos dados do passado, tornando-os memória; isto é, é seu poder de reconstituição no/pelo documento dos dados passados, impossíveis de serem reconstituídos por outros processos, como, por exemplo, o de rememoração.

4. O potencial formativo da Historiografia-Linguística

Para Eugenio Coseriu (1980), a história da linguística é uma história muito estranha, porque muitas vezes lhe falta continuidade. Quando muito, só se conhece seu passado recente e ignora-se completamente o que estiver mais afastado. Mesmo as teorias mais conhecidas e mais discutidas não são estudadas em suas conexões históricas. Ora, ao direcionar o olhar para a formação inicial dos professores de línguas no Brasil, certamente, ver-se-á que a fala de Coseriu, no contexto da década de 80, está mais atual do que nunca.

Para a grande maioria dos licenciandos em Letras, a linguística, como ciência moderna, ainda lhes afigura como um corpo estranho e de difícil apreensão. Não raro, a

linguística aparece no currículo como uma rele disciplina, em meio a um amontoado delas. E o que é mais grave, mas não menos recorrente, a história e a historiografia acerca desse campo do saber, o da linguagem verbal humana, são matérias ignoradas até por quem se reconhece e se identifica como linguista ou como professor de linguística, haja vista que se acredita, piamente, que não há nem pode haver muita relação entre o tipo de conhecimento produzido nos séculos XX e XIX, séculos em que a linguística se constituiu cientificamente e de forma mais autônoma, com o tipo de conhecimento produzido nos séculos anteriores, quando imperavam perspectivas mais filosóficas (sobretudo, metafísicas) sobre a linguagem e sobre as línguas naturais.

Assim, por exemplo, são sempre atribuídas a Ferdinand de Saussure, considerado no Brasil o pai da Linguística, as distinções entre língua e fala, entre significante e significado, entre sincronia e diacronia, quando, a bem da verdade, como já vêm mostrando vários trabalhos acadêmicos nas últimas décadas, o mestre genebrino apenas recolheu tais dicotomias da tradição.

De forma semelhante, Saussure também aparece nos manuais de linguística como o primeiro a teorizar sobre a arbitrariedade do signo. No entanto, basta fazer uma investigação simples de cunho histórico e historiográfico, valendo-se do próprio *Google* inclusive, para constatar que esse conceito não é sequer moderno. Antes, foi tratado por vários autores em diferentes épocas: Bréal, Whitney, Locke, Condillac, Leibniz, Descartes, Aristóteles e a Platão, entre outros.

Aliás, pode-se afirmar, com certa tranquilidade, que toda a genialidade de Saussure reside, primeiro, em sua percepção de que a linguagem humana consiste em algo complexo em demasia, sendo preciso a definição de um método menos falível para abordá-la; e, segundo, em seu interesse incomensurável pela história e pela historiografia dos estudos empreendidos acerca das línguas e da linguagem humana ao longo dos séculos, o que lhe causou a impressão de que tudo já fora dito, mas que ainda era necessário amenizar certas confusões de ordem conceitual e, principalmente, metodológica.

Sendo assim, tratando agora especificamente da configuração curricular nos cursos de licenciatura em Letras no Brasil, torna-se flagrante a falta de coerência epistemológica causada, em grande medida, pelo pouco espaço que possuem as disciplinas que integram as ciências da linguagem e, sobretudo, pela quase inexistência de disciplinas que apresentam alguma preocupação em contextualizar historicamente a produção do conhecimento científico sobre línguas e linguagem ao longo dos séculos.

Em outros termos, pode-se dizer que umas das razões para a apatia generalizada entre boa parte dos estudantes das licenciaturas em Letras reside também no próprio formato curricular desses cursos, não raro, cheios de lacunas, desarticulados do ponto de vista lógico e cronológico, em que impera um excesso de disciplinas pedagógicas (que são de fato imprescindíveis), em detrimento de pouca carga horária destinada para o estudo mais consistente da própria linguística e suas vertentes. Como reflexo, a formação desses estudantes também apresenta lacunas, desarticulações e confusões de toda ordem.

Diante desse panorama desanimador de fragmentação no seio dos estudos sobre línguas e linguagem, a Historiografia-Linguística vem ocupar um espaço de resistência e apelo, apresentando-se aos docentes de linguística das Faculdades de Letras e, sobretudo, aos futuros professores de línguas da educação básica, como um importante instrumento a serviço da construção coerente, orgânica e significativa dos conhecimentos, o que reverbera em uma prática docente e investigativa menos fundamentalista e sectária. De forma mais direta, a Historiografia-Linguística pode municiar os professores de línguas com uma perspectiva historiográfica diante de toda e qualquer reflexão/teorização sobre os conceitos e sobre os métodos constituintes de sua ciência, ajudando a promover uma formação inicial, no mínimo, menos desarticulada e, conseqüentemente, menos ortodoxa.

Nesses moldes, uma vez compreendido seu inegável potencial formativo, faz-se preciso reafirmar e defender que a Historiografia-Linguística marque seu território nos currículos formais das licenciaturas em Letras no Brasil, seja na forma de disciplinas específicas distribuídas ao longo dos cursos, seja, principalmente, como uma perspectiva sempre presente de abordagem dos conceitos e dos métodos inerentes às ciências da

linguagem, em suas mais diversas manifestações.

E a razão para essa afirmação é simples. Parafraseando Auroux (2009) – para quem todo conhecimento é uma realidade histórica e para quem todo fazer científico é resultado de um processo contínuo de acumulação e de sistematização de conhecimentos – toda ciência precisa passar por revisões historiográficas, que são estes movimentos de olhar em volta de si, como alguém que precisasse alcançar o horizonte e, para tal, resolvesse atingir o ponto mais privilegiado. Nesse sentido, a Historiografia-Linguística coloca-se como uma potente ferramenta a quem deseja flexionar o olhar em busca de uma visão mais panorâmica, mais globalizante, portanto, mais completa nos estudos linguísticos.

5. Considerações Finais

Em linhas gerais, buscou-se aqui elaborar uma reflexão preliminar acerca da configuração dos currículos formais das licenciaturas em Letras no Brasil, apontando para a necessidade, cada vez mais urgente, de ofertar aos futuros professores de línguas uma formação menos desarticulada e mais orgânica, porque pautada incisivamente pelo ponto de vista historiográfico acerca das mais diversas teorias e metodologias constituintes das ciências da linguagem.

Dessa forma, embora seja uma proposição relativamente óbvia, procurou-se defender que todo professor de línguas deve ser, antes de tudo, um cientista, posto que faz parte de suas atribuições profissionais subsidiar sua atuação no ensino a partir da geração e/ou da apropriação dos mais diversos aparatos teóricos-metodológicos relacionados à linguagem e à educação.

Tendo isso em vista, demonstrou-se que a Historiografia-Linguística tem, ou deveria ter, uma grande importância nos cursos iniciais de professores, constituindo-se em um arcabouço teórico e metodológico necessário a todo e qualquer cientista da linguagem, seja na função de professor, seja na de pesquisador, haja vista que, em toda

área do saber científico, não há grandes avanços quando não existe um esforço no sentido de compreender melhor a gênese e o desenvolvimento da própria ciência que se pratica e se ensina. Ou, melhor dizendo, fazendo coro com Auroux (2009, p.12), sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

6. Referências

- ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. In: **Revista Argentina de Historiografia Linguística**, n. 1, 2009, p. 115-136.
- AUROUX, Silvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I e II**. Campinas, SP: Pontes: 1995.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**. São Paulo, UNESP, 1992
- _____. **A escola dos Annales**. São Paulo, UNESP, 2010.
- CARBONELL, Charles Olivier. **La Historiografia**. Trad. Aurélio Garzón del Camino. México: F.C.E., 2001.
- COSERIU, Eugênio. **Tradição e novidade na Ciência da Linguagem**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1980.
- GIMENO-SACRISTÁN, J. & PÉREZ-GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MILANI, Sebastião Elias. **Bases epistemológicas para a Historiografia Linguística: objeto e metodologia**. In: GELCO/2008 (a), Cuiabá.
- _____. **Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure**. Goiânia: Kelps, 2011.
- KOERNER, K. **Questões que persistem em historiografia linguística**. In: Revista ANPOLL/1996, v. 2, p. 45-70.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. (org.). **Historiografia Linguística: Rumos possíveis**. São Paulo: Pulsar, 2005.